

## **RIACHO DOCE: UMA MANEIRA DE PENSAR E EDIFICAR MOTIVADA POR EXPERIÊNCIAS TRADICIONAIS**

*RIACHO DOCE: UNA MANERA DE PENSAR Y CONSTRUIR MOTIVADA POR EXPERIÊNCIAS TRADICIONALES*

*RIACHO DOCE: A METHOD OF THINKING AND BUILDING MOVED BY TRADITIONAL EXPERIENCES*

O lugar da teoria, da crítica e da história no projeto.

### **Roseline Vanessa Oliveira Machado**

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia/Universidade do Algarve (Portugal). Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFAL e do Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem e tutora do Programa de Educação Tutorial.

**Tuanne Monteiro de Carvalho; Amanda Rodrigues Teixeira Cavalcante; Hedhyliana Walkyria Rodrigues de Melo; Paula Duque Rangel; Louise Beltramini Berto; Alexandra Jane de Carvalho Freitas; Júlia de Freitas Correia Lyra; Poliana Lopes de Oliveira**

Discentes em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Alagoas. Bolsistas do Programa de Educação Tutorial.

**Resumo:** O bairro de Riacho Doce, situado a 20 km ao norte do centro de Maceió-Alagoas, apresenta uma paisagem diferenciada daquelas que marca as praias urbanas da cidade, cujas margens vêm sendo cada vez mais ocupadas por edifícios de médio e grande porte de caráter residencial e comercial. Caracteriza-se por uma dinâmica comunitária balizada por saberes tradicionais, mantendo fortes traços da herança cultural. Dentre essas, situam-se as construções de Pedro Neto, técnico em edificações e morador do bairro. Há 20 anos vem integrando suas ideias à paisagem de Riacho Doce, com 58 residências levantadas na região, todas seguindo um determinado padrão de procedimento que gera semelhanças de aparência sem constranger a personalidade de cada uma delas. Partindo do pressuposto de que tais abrigos exemplificam uma arquitetura de caráter tradicional produzida no bairro, este trabalho, versa, pois, sobre as casas de Pedro. Trata-se do registro do processo de consolidação dessas unidades paisagísticas, abordando desde seu método de projeção até as técnicas e materiais construtivos adotados, resultando em ambientes que traduzem rusticidade, simplicidade e, especialmente, suficiência. As discussões apresentadas aqui, além de motivadas pelo interesse no registro em si dessas construções, enquanto expressões do lugar, buscam abordar aspectos comumente tidos como opostos na historiografia da arquitetura, tais como erudito e vernáculo, moderno e tradicional, reconhecendo cada vez mais aproximações entre eles quando se trata de ambientes produzidos por um projetista imbuído de sensibilidade espacial e larga experiência.

**Palavras-chave:** processo projetual, arquitetura vernácula, ordem clássica.

**Resumen:** El barrio Riacho Doce, ubicado a 20 kilómetros al norte de Maceió-Alagoas, presenta un paisaje diferente de los que marcan las playas urbanas de La ciudad, cuyos márgenes son cada vez más ocupadas por edificios de mediano y gran tamaño de carácter residencial y comercial. Se caracteriza por una comunidad dinámica impuesta por el conocimiento tradicional, manteniendo fuertes huellas Del patrimonio cultural. Entre ellos, se encuentran los edificios de Pedro Neto, técnico en edificios y morador del barrio. Hace 20 años ha sido la integración de sus ideas para el paisaje de Riacho Doce, con 58 viviendas levantadas en la región, todas siguiendo un patrón particular de procedimiento generando similitudes en apariencia sin limitar la personalidad de cada uno. Suponiendo que estos albergues son ejemplos de una arquitectura de carácter tradicional producido en el barrio, este trabajo trata de las casas de Pedro. Es el registro Del proceso de consolidación de las unidades de paisaje, se acerca de su método de la proyección a las técnicas y la tecnología de materiales de construcción, resultando en espacios físicos que reflejan rusticidad, sencillez y sobre todo suficiencia. Las discusiones que aquí se presentan, más allá de motivados por el

*interése en registrar estas construcciones como expresiones del lugar, tratan de abordar los problemas comúnmente vistos como oposición a la historiografía de la arquitectura, como la clásica y vernácula, tradicional y moderno, reconociendo cada vez más similitudes entre estén entornos cuando se produce por um diseñador imbuido de sensibilidad espacial y amplia experiencia.*

**Palabras-clave;** *proceso de diseño, laarquitectura, vernácula, ordenclásica.*

**Abstract:** *Riacho Doce neighborhood, located 20 km north from the center of Maceio city, in Alagoas, has a landscape that differs from the others urban beaches, which has been occupied by a large numbers of residential and business buildings. This neighborhood has a dynamic based in community works, traditional backgrounds that keep stronger traces of cultural heritage. Among these types of constructions, there are houses planned by Pedro Neto who is technician in buildings and lives there. He has been integrating his ideas to the landscape of Riacho Doce since 2003, where there are 58 houses constructed based on a determined pattern of standard procedure which results in similar appearances between them but also particular from the others ones. Assuming that these housings are examples of traditional architecture from the neighborhood, this article is about Pedro's houses. It's an account on the consolidation process of these landscape units by showing the methods of constructions as many as the techniques and materials used, resulting in simple, rustic and especially sufficient spaces. The issues presented here are raised not only because of the interest of registering this particular method of construction and region expression, but also the need to discuss about aspects that are usually claimed as opposites in the history of architecture, like the erudite and the vernacular, the modern and the traditional. That leads to the conclusion that they are increasingly closer among themselves when it comes to environments produced by a designer with spatial sensitivity and wide experience.*

**Keywords:** *design process, vernacular architecture, classic order.*

## RIACHO DOCE: UMA MANEIRA DE PENSAR E EDIFICAR MOTIVADA POR EXPERIÊNCIAS TRADICIONAIS

A cidade de Maceió, Alagoas, integrou o roteiro de viagem realizada por Lúcio Costa no ano de 1926. “Girei pela cidade. Olhei para tudo e nada vi, nada que prendesse a atenção. Nada sobressai do resto. (...) tudo suburbano”. (COSTA, 1995, p.34) Sob um olhar progressista, em sua descrição acerca da região de maior contiguidade urbana, soava um ar de descontentamento com a paisagem edificada marcada pela feição eclética, própria das capitais brasileiras na virada do século XIX (Figura 01).

Figura 01: Postal do início do século XX com vista para a Catedral. Ao fundo, o farol que daria nome ao bairro moderno da cidade.



Fonte: Acervo do MISA, s/d.

Contudo, ao final de seu registro, o arquiteto rende-se ao encantamento dos ares de terra virgem desse lugar:

Felizmente tomei um bonde que me levou para fora - Ponta da Terra<sup>1</sup> chamam o lugar. Gostei, gostei muito mesmo. Deu-me a perfeita impressão dessas cenas de naufrágio, de ilha deserta, de que os filmes americanos tanto gostam. Algumas casinholas de terra batida e coberta de sape, redes, gente sonolenta. E uma praia, mas uma praia diferente de todas as outras, muito plana, muito larga, cheia de

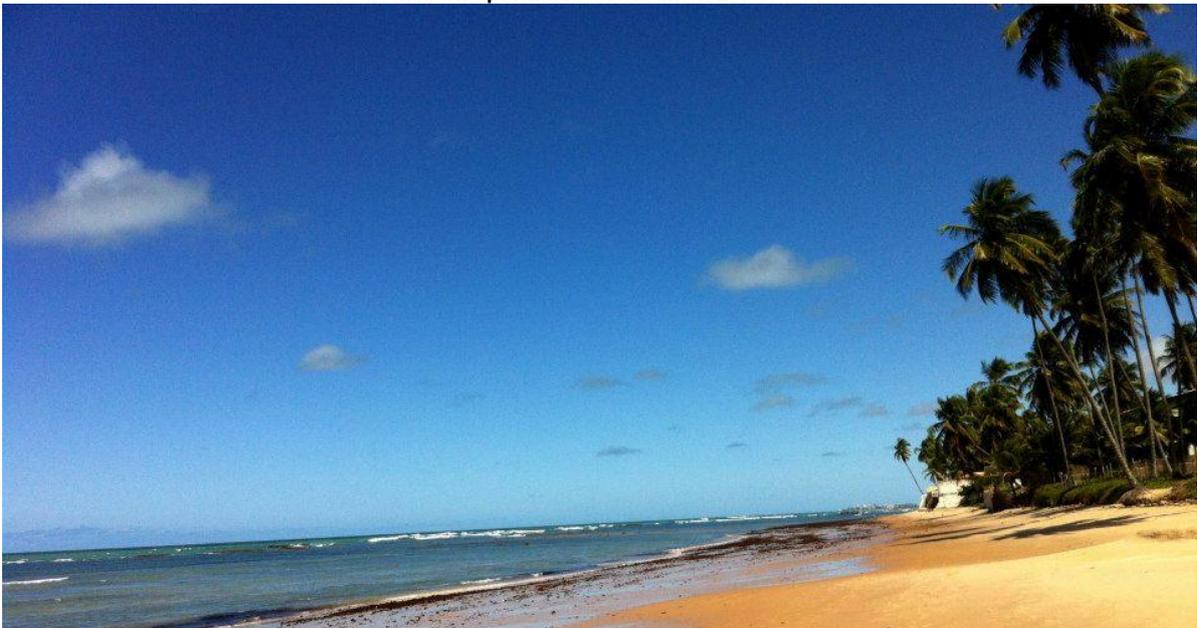
---

<sup>1</sup> Nome de um dos primeiros bairros formados na orla marítima de Maceió, situado às margens da praia da Pajuçara.

coqueiros, desses coqueiros sinuosos, esguios, que balançam e cantam com o vento. E o mar muito calmo, sem arrebatção, sem ondas. Muito calmo e muito verde, um verde lindo, verde esmeralda ora mais claro, ora mais escuro, com manchas azuladas de recifes à flor d'água. Perto, ancorado, um veleiro com três mastros. E longe, bem ao longe, as jangadas que deslizam leves, com as velas em triângulo, muito brancas, cheias de vento. Velas que brilham, velas de porcelana. E uma viração suave, um céu azul e um sol resplandecente. Paisagem de ilha abandonada, apesar dos pescadores e das velas, calma, sonolenta. Paisagem de aquarela. (COSTA, 1995, p.34)

Passados quase 90 anos, o fragmento de paisagem líquida experimentado por Lúcio Costa obviamente mudou. Obra da especulação imobiliária. Mas, outras partes da cidade ainda mantêm certo caráter primitivo que fora admirado pelo arquiteto, a exemplo do bairro de Riacho Doce (Figura 02). Segundo moradores, nas noites de lua cheia aparecia uma bela moça que ao banhar-se no riacho – ponto de parada obrigatório de todas as pessoas que vinham da região norte à cidade de Maceió – exclamava “Que riacho doce!”, batizando o antigo povoado de pescadores, situado a aproximadamente 20 quilômetros ao norte do centro da cidade (Figura 03).

**Figura 02: Um fragmento da paisagem do bairro de Riacho Doce cuja aparência atual aproxima-se daquela descrita por Lúcio Costa em 1926.**



Fonte: Acervo PET Arquitetura, junho 2013.

Figura 03: Esquemas gráficos do território da cidade de Maceió-AL, marcando o Centro da cidade, o bairro da Ponta da Terra, descrito por Lúcio Costa em 1926, e o bairro de Riacho Doce, respectivamente.



Fonte: pt.wikipedia.org, acessado em setembro de 2013

Riacho Doce é marcado por uma estrutura de pequena comunidade, apresentando uma dinâmica cotidiana caracterizada por relações de vizinhança, como sentar em frente à porta das casas, muitas delas geminadas, e conversar na praça cujo vazio se abre para a Igreja de Nossa Senhora da Conceição, consagrada como a primeira edificação da região (Figura 04).

Figura 04: Igreja Nossa Senhora da Conceição primeira edificação construída no bairro. Ponto de convergência dos moradores de Riacho Doce, devotos da Santa Padroeira do bairro.



Fonte: Foto realizada por Silvio Wálace, junho 2013.

O lugar é palco de antigas práticas culturais que englobam: culinária, pesca, danças folclóricas e festas religiosas. Alguns destes saberes garantem a subsistência de muitas famílias e conservam conhecimentos de memória de longa duração. Dentre essas antigas práticas, pode-se citar a da construção. Talvez, a configuração de algumas delas chamasse a atenção do arquiteto moderno não apenas pelo seu caráter de rusticidade, mas também pela atmosfera edificada que insinua derivar-se de padrões clássicos de composições espaciais, convincentemente contextualizados no seu tempo e lugar, podendo, nessa perspectiva, aproximar-se das noções mais sedimentadas de Lúcio Costa acerca da produção arquitetônica tradicional em um contexto contemporâneo. É o que se pretende apresentar nesse artigo - uma forma de pensar e edificar motivada por experiências tradicionais, cujas lógicas espaciais pressupõem a continuidade de uma cultura ocidental do ordenamento<sup>2</sup>.

## UM PROCESSO, VÁRIAS CASAS

As construções que foram observadas com mais atenção para a produção desse artigo constituem o objeto empírico de uma investigação realizada por integrantes do Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.<sup>3</sup> Inicialmente motivados pelo interesse em registrar o processo histórico e arquitetônico da primeira ecovila implantada na cidade<sup>4</sup>, mais especificamente no bairro de

---

<sup>2</sup>“(…) a arquitetura sem genealogia nominal é caracterizada por constituir um gênero construtivo homogêneo, perfeitamente identificado em termos de cultura, meio e época. Não a confundiremos com a arquitetura primitiva, realizada com a precariedade de meios, nem com a sub-habitação marginal da periferia urbana que, além da precariedade de meios, reflete também uma distorção no plano da cultura”. (SILVA, E. 1994, p.125)

<sup>3</sup> O Programa de Educação Tutorial, instituído pelo Ministério de Educação no ano 1979 quando intitulava-se Programa Especial de Treinamento, foi implantado na Universidade Federal de Alagoas no ano 1988, com objetivos de enriquecer o curso de Graduação e incrementar a formação acadêmica dos integrantes do grupo através do desenvolvimento de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Desde então, a UFAL vem apoiando sua implementação, disponibilizando infraestrutura e monitorando os grupos através da atuação do Comitê Local de Avaliação e Acompanhamento gerido pela Pró-Reitoria de Graduação.

<sup>4</sup> A Ecovila Riacho Doce, situada a 2km da praia de Riacho Doce, Maceió-AL, é uma iniciativa pioneira dentro dos limites urbanos da cidade. Em 2012 os integrantes do PET Arquitetura-UFAL iniciaram trabalhos de registro dessa forma de habitar que ainda se encontra em fase inicial de implantação, possuindo nos 15 hectares apenas uma estrutura edificada (com cozinha, quarto, banheiro e um grande terraço) que segue os princípios da arquitetura sustentável para reunião do grupo de investidores. Os dados obtidos através de visitas técnicas e entrevista com futuros moradores indicaram que o maior desafio do processo de implantação da ecovila tem sido compatibilizar os hábitos individuais dos 21 proprietários com uma estrutura social de cooperação que caracteriza esse tipo de forma de habitar.

Riacho Doce, pouco a pouco, sob lentes aprendizes, o lugar foi se mostrando peculiar dentre os demais que conformam a paisagem litorânea maceioense, a qual vem sofrendo as consequências das fortes pressões de investimentos comerciais, seguindo a tendência em comportar desde edifícios multifamiliares até *shopping centers*.

Dentre a massa edificada do bairro situam-se residências de pequeno e médio porte, muitas delas dispendo de espaços livres generosos com caráter de sítio, propícios ao cultivo de árvores frutíferas e criação de animais. Por esse motivo, na paisagem edificada de Riacho Doce, o verde se sobressai. As casas, térreas e geminadas em sua maioria, locadas em diversas dimensões de lotes, compartilham de visíveis semelhanças decorrentes também dos materiais de construção de caráter rústico, dentre os quais se destacam o tijolo batido e a telha canal (Figura 05). Os muitos acessos sem revestimentos, estreitos e tortuosos contribuem para criar uma ambiência mais próxima do movimento do corpo, da escala humana, caracterizada por uma atmosfera de simplicidade bem diferente daquela moldada pela dinâmica do automóvel e dos prédios de muitos andares.

Figura 05: O entorno - Vista do bairro de Riacho Doce, construções, relevo e vegetação.



Fonte: [www.maceiolx.com.br](http://www.maceiolx.com.br), acessado em maio de 2013.

Desde o início de sua formação, o arranjo espacial de Riacho Doce se dá às margens do mar e nos montes em suas proximidades, acompanhando uma tendência germinal da formação da paisagem colonial do Brasil. As primeiras unidades de seu casario também seguiram de certa forma, uma tradição compositiva, assemelhando-se à feição daquelas que integravam a paisagem das antigas vilas de São Francisco e Alagoa do Sul, primeiros núcleos edificados das atuais cidades alagoanas de Penedo e Marechal Deodoro respectivamente, marcadas por estruturas edificadas compostas com elementos tradicionais da arquitetura civil luso brasileira, tais como: fachada com porta e janela, alpendres e cobertura em duas águas representadas de maneira a insinuar o uso de determinados materiais, a exemplo da palha ou telha cerâmica (Figuras 06 e 07).

**Figura 06:** Imagem seiscentista da Vila de São Francisco (*Castrum Mauritiij ad Ripam Fluminis S Fransisc*), elaborada por Frans Post, e detalhe mostrando a arquitetura civil.



Fonte: BARLEUS, 1637.

**Figura 07:** Imagem seiscentista da Vila de Alagoa do Sul (*Alagoa ad Austrumc*), elaborada por Frans Post, e detalhes mostrando a arquitetura civil em frente à igreja matriz (A) e na região ocupada por “casa de pescadores” (C), como indicada pela legenda.



Fonte: BARLEUS, 1637.

Sua primeira igreja e a pracinha locadas na planície, enquanto pólos geradores de tráfego iniciaram um processo de consolidação de fluxo em seus arredores, mais tarde intensificado com a construção da rodovia AL 101- Norte. O asfalto dividiu visivelmente a paisagem do lugar em uma parte baixa e uma parte alta. Com o tempo, a primeira, cujo direcionamento de extensão acompanha paralelamente o alinhamento da orla, foi sendo estrategicamente aproveitada pelos moradores para fins comerciais devido à movimentação de fluxo, sobretudo de veículos. Como exemplo, podemos citar as barracas montadas pelos habitantes às margens da rodovia para a venda de frutas cultivadas em seus sítios, peixes retirados daquele mar e quitutes preparados pelas mulheres da localidade – as Boleiras de Riacho Doce - as quais, há mais de 50 anos, têm usufruído das dinâmicas oriundas da Modernidade para ajudar no sustento familiar, ao mesmo tempo em que continuam a contar com uma estrutura edificada secular que reedita a casa arquetípica vitruviana - a casa de farinha (Figura 08), que serve de abrigo para a produção de alimento, também situada na parte baixa do bairro, hoje reconhecida como bem patrimonial pela 17ª Superintendência do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional<sup>5</sup>.

**Figura 08: Casa de farinha onde as boleiras produzem os quitutes que posteriormente são vendidos às margens da rodovia AL 101 - Norte.**



**Fonte: Acervo PET Arquitetura, agosto de 2013.**

<sup>5</sup> Vale dizer que a casa de farinha referida nesse artigo atualmente tem uso restrito ao cozimento dos quitutes, não mais abrigando o processo de fabrico de farinha, a qual é adquirida pelas boleiras de produtoras situadas no litoral norte do Estado.

As casas referidas neste artigo situam-se na parte alta de Riacho Doce, localizadas em um terreno de 6.500m<sup>2</sup> em declive com testada frontal voltada para a rodovia (Figura 09). Há 13 anos vem sendo ocupado contando hoje com nove unidades unifamiliares dispostas de maneira a formar um alinhamento perpendicular ao da AL 101 e ao da praia, integrando um conjunto de 58 residências construídas, também em bairros vizinhos, em um período de 20 anos, pelo mesmo projetista que as idealizou - Pedro Neto<sup>6</sup>.

Figura 09: Vista aérea do terreno em relação ao mar e posicionamento das casas no lote.



Fonte: Intervenção sobre imagem do Google Earth, setembro 2013.

Dentre esse conjunto, cerca de 8% das propostas foram diretamente influenciadas pelos futuros moradores, sendo mais comum o projetista considerar um perfil ideal de usuário - um casal com dois filhos - para definir suas propostas. Livre de exigências particularizadas de terceiros, Pedro Neto também se liberta das amarras dos códigos de obras legalmente instituídos, sem que haja prejuízos na qualidade de seus espaços, pois, em suas proposições, recuos e aberturas na edificação não são considerados

<sup>6</sup>Pedro Neto nasceu em 1963, na cidade de Palmeiras dos Índios, agreste alagoano, tendo vindo para a capital do Estado em 1979 para ingressar no Curso de Edificações da antiga Escola Técnica Federal de Alagoas. Formou-se em 1981, momento em que começa a se envolver com os movimentos ambientalistas do Brasil, tendo participado da ECO 92 (Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento). Em Maceió, fundou o escritório de paisagismo Matantes Mutandes voltado para trabalhos de reflorestamento, e o bar Arma Zen, local para a realização de discussões acerca do meio ambiente, tendo adotado a linguagem da arquitetura alternativa, com o uso de material de demolição, para a construção do edifício. Mora nos arredores de Riacho Doce desde 1994. Segundo o projetista, suas obras nesse lugar materializam referências que marcaram sua subjetividade intensamente: as relações de vizinhança de uma vida de cidade do interior, e a sensação de liberdade assimilada a partir do contato com o mar.

problemas e sim, necessidades das mais óbvias, quando se trata da construção do abrigo. (LAWSON, J. 2011, p.88)

Com dimensões que variam de 40 a 94 m<sup>2</sup>, as casas seguem porte e perfil semelhantes, ainda que as medidas não sejam exatamente iguais. Fica evidente, para olhos perspicazes, a existência de uma harmonia proporcional, tanto em termos de tamanho quanto de integração dos recintos, em uma moradia que procura dispensar divisórias rígidas. As residências (Figuras 10 e 11) estruturam-se basicamente em dois pavimentos, com terraços e beirais, paredes de tijolo batido, piso de cimento queimado e cobertura de telha canal, conformando uma micro-paisagem de extrema coesão sem que haja repetição rígida de plantas-baixas, arranjadas espacialmente pelo seguinte programa arquitetônico: sala, cozinha, dois quartos, banheiro, lavabo, despensa e área de serviço.

**Figuras 10 e 11: As casas, com diferentes formas, elementos construtivos e estéticos, que compõem a pequena vila de Pedro Neto, no bairro de Riacho Doce.**



Fonte: Acervo PET Arquitetura, setembro de 2013.



Fonte: Acervo PET Arquitetura, setembro de 2013.

O lugar é caracterizado por flora diversa e por massas edificadas singelas de dimensões tímidas, distribuídas no terreno sem a interferência dos espaços de transição entre público e privado criados por muros. Configura um aspecto ambiental que estaria próximo daquele idealizado para a ecovila por Pedro Neto, um dos investidores desse projeto, cujo processo de construção foi iniciado no ano de 2009 visando seguir fundamentos da arquitetura sustentável, com tendência para o uso de técnicas vernaculares de construção e de materiais de demolição. Estes são estocados no próprio terreno (Figura 12), alocados a céu aberto, dividindo espaço com patos e galinhas, e vão sendo sistematicamente transferidos para uma das extremidades do lote cada vez que uma casa é construída, limitando, assim, a área de sua manutenção.

Figura 12: Materiais que serão posteriormente utilizados nas construções ficam alocados em uma área a céu aberto do terreno, entre árvores frutíferas e animais domésticos.



Fonte: Acervo PET Arquitetura, maio de 2013.

Nessa perspectiva, outros condicionantes projetuais somam-se ao do usuário ideal. Dentre eles, situa-se a habilidade do construtor. Sabe-se que cada vez mais as técnicas artesanais são substituídas por procedimentos mecânicos sob o discurso da racionalização da execução e do conseqüente barateamento da obra. Consiste em um processo de simplificação extrema onde não apenas o homem, como também a arquitetura, é tratado como objeto, atingindo negativamente a qualidade da construção. Nessas situações é comum os construtores exercerem seu ofício sem a mínima qualificação, sequer cognitiva, e ainda sob a pressão da rapidez de produção, quando, muitas vezes, práticas construtivas tradicionais convergem em um melhor resultado em termos de execução e mesmo de manutenção. Assim, alguns saberes, como construção de superfícies com terra ou com cimento alisado, tem sido restritos aos moradores de pequenas comunidades, formadas por famílias de baixa renda e que exercitam o ofício através da construção de suas próprias casas.

Em Riacho Doce, ainda é possível encontrar casas oriundas de técnicas tradicionais de construção, como o taipamento. Contudo, por se tratar de uma técnica artesanal, demanda muito tempo e esforço físico em comparação com a alvenaria convencional, por exemplo. Além disso, as práticas em que o movimento do corpo é essencial têm sido historicamente superadas pelos preconceitos ditados pela industrialização, de maneira que os detentores desses saberes muitas vezes inibem-se, preferindo escondê-los.

Situação justamente inversa se dá com Pedro Neto, técnico em edificações e morador de Riacho Doce, onde se propõe a colocar em prática sua ideologia, essencialmente balizada por exigências programáticas, relativas à ecologia e sustentabilidade. Dedicar-se também a contagiar pessoas, não apenas divulgando suas ideias, como também permitindo, através de suas obras, que essas convivam cotidianamente com sua forma de pensar o mundo que o rodeia. (GRAEFF, E. 1959, p. 29)

O usuário que geralmente procura essa espacialidade deseja uma qualidade de vida distinta daquela estimulada pelo consumo. Deseja, pois, se aproximar da natureza de forma mais democrática e independente. Condições que podem ser reconhecidas em ambiências de pequenas comunidades que, devido ao

seu caráter de autossuficiência, oferecem condições mais propícias ao desenvolvimento da sustentabilidade doméstica, o que, no caso das casas de Pedro, também é traduzida na otimização dos espaços e do programa arquitetônico.

Em suas obras, Pedro e sua equipe formada apenas por mais um companheiro, continuam a exercitar tais procedimentos vernaculares por vários motivos. Um deles consiste na sua própria posição de construtor, ou seja, todas as etapas da construção em seus detalhes são por ele dominadas e, por esse motivo, valorizadas. Em segundo lugar, de acordo com o projetista, antigas práticas funcionam. Respondem a um problema de forma simples e eficiente e, por extensão, requerem menor custo, aliando funcionamento e racionalização espaciais – uma forma de pensar que se enquadra nos princípios mais sedimentados dos arquitetos modernos sintetizados na primeira metade do século XX.<sup>7</sup>

A conformação geral dos compartimentos, a quantidade das aberturas, os dimensionamentos mínimos, a distribuição e a sistematização das circulações, os equipamentos e os tipos de mobiliário, em síntese – a estruturação orgânica básica do edifício é ditada fundamentalmente pelas exigências utilitárias. (GRAEFF, 1959, p. 22-23)

A busca pela otimização no processo de construção, abre espaço para outro condicionante de projeto, qual seja, os materiais disponíveis e suas possibilidades de uso. Ainda que um projetista disponha de uma gama de escolhas ao determinar as proporções das coisas, algumas nos são dadas pela natureza dos materiais, as características estruturais dos elementos construtivos e o modo de construção. Isso pode ser visto nas casas em estudo, onde o uso de materiais oriundos da demolição particulariza o modo e a proporção em que será utilizado, visando um reaproveitamento total dos materiais, evitando ao máximo a geração de resíduos, na medida em que:

---

<sup>7</sup>A conformação geral dos compartimentos, a quantidade das aberturas, os dimensionamentos mínimos, a distribuição e a sistematização das circulações, os equipamentos e os tipos de mobiliário, em síntese – a estruturação orgânica básica do edifício é ditada fundamentalmente pelas exigências utilitárias. (GRAEFF, 2006, p. 22-23)

A demolição seletiva, também designada de desconstrução, consiste numa separação prévia dos diferentes materiais com potencial de serem reaproveitados num edifício antes de ser demolida a sua estrutura principal. Esta separação é realizada de acordo com as características de cada material, de forma controlada, criteriosa, segura e eficiente, elemento a elemento (...) (SILVA, M., 2006. p.7).

Como exemplo de tal particularidade, podem-se citar os tijolos que são resistentes à compressão e cuja rigidez depende de sua massa. A madeira, flexível e razoavelmente elástica, podendo ser utilizada em colunas e vigas lineares, linhas planas que nas residências em estudo são comumente vistas como tesouras para a coberta.

Nessa perspectiva, Pedro estabelece certo padrão em suas produções. Cada residência tem 7x7m – acrescida de 1,5 m da área de serviço coberta, aos fundos - com a repetição de módulos de 3,5 x 3,5 m, em geral (Figura 13 e 14). A experiência adquirida na construção civil, juntamente com a sensibilidade nata do construtor, o faz perceber que alguns ambientes quando projetados com dimensões menores que 3,5 m tornam-se pequenos, de difícil circulação e pouco agradáveis ao usuário, comprometendo seu uso. Por outro lado, com extensões de mais de 4 metros, torna-se necessário trabalhar com vigas de dimensões maiores, modificando sua prática padronizada e adicionando gastos à obra. Vê-se, também, que por questões econômicas e práticas, opta-se pela construção de “parede sobre parede”, o que garante correspondência das plantas dos pisos inferior e superior, exceto por algumas subdivisões ou acréscimos espaciais no nível térreo. Como exemplo, podem-se citar os limites do banheiro locado no piso superior, com dimensões 1,2 x 2,4 m, os quais são prolongados para o piso inferior passando a comportar um lavabo com dimensões 1,2 x 1,2 m, e uma despensa com a sobra da área.

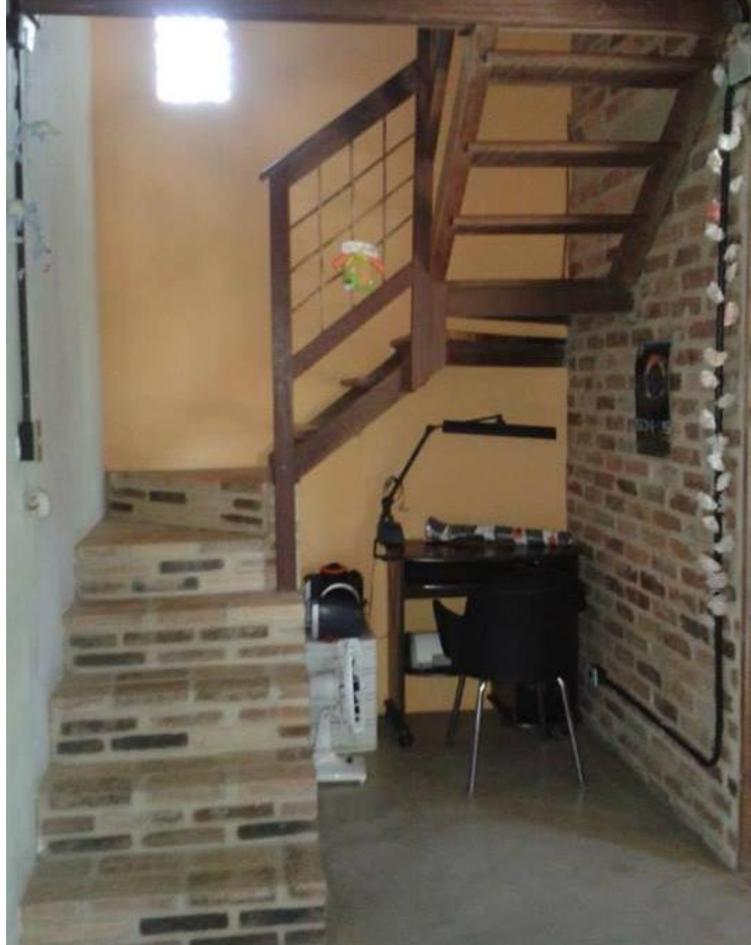
Figura 13 e 14: Plantas baixas dos pavimentos superior e térreo, respectivamente, de uma das unidades unifamiliares construídas por Pedro Neto no bairro de Riacho Doce. Esquema elaborado por integrantes do Grupo PET Arquitetura após visita *in loco*, no qual demonstra a modulação adotada pelo construtor em seus projetos.



Fonte: Acervo PET Arquitetura, junho de 2013.

Visando manter as características ecológicas e rústicas dos ambientes, ele opta por instalações hidráulicas e elétricas externas, evitando atos brutos de intervenção, caso fossem necessários reparos ou manutenções, podendo manter, por exemplo, as paredes em tijolo batido, sem revestimento (Figura 15). Assim, Pedro começa a criar e adaptar seu projeto às condições existentes, de forma a trabalhar seu funcionamento espacial de acordo com as atividades a serem acomodadas no local.

Figura 15: Vista do vão da escada de uma das casas em estudo, na qual o construtor utiliza tijolo maciço e madeira reutilizados, destaque para o detalhe do corrimão feito de ripas de cipó, reaproveitados de uma casa secular que fora demolida nas proximidades. Na imagem pode-se notar também as tubulações da instalação elétrica aparente, tanto nas paredes sem revestimento quando nas paredes com revestimento.



Fonte: Acervo PET Arquitetura, maio de 2013.

Contudo, vale ressaltar que as repetições de qualquer forma não resultam em propostas padronizadas. Ao contrário, qualificam espaços personificados justamente pela especificidade dos elementos arquitetônicos reutilizados e disponíveis, dos ajustes espaciais influenciados pelos movimentos do terreno e mesmo pela ousadia do construtor em acreditar na experimentação de realidades bem concretas como a das bases físicas da arquitetura, permite que esta seja modificada, testada, sem arrependimentos. “Cada casa é outra”, diz o construtor<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Esse procedimento aproxima-se do conceito de arquitetura vernacular de Elvan Silva, a qual “deriva de um conhecimento essencialmente empírico. Nessas circunstâncias, aprende-se construir na prática de construir, pela reprodução dos procedimentos conhecidos, pela imitação de modelos concretos, sem que seja necessário um processo complicado de nova elaboração mental. (...) Sabemos que o conhecimento sensível ou empírico é o conhecimento da realidade

Um terceiro condicionante consiste nas características do sítio. Reconhecendo a possibilidade de potencializar um aspecto de refúgio no longo e estreito terreno, a primeira casa construída foi locada com um generoso recuo em relação à rodovia, desestabilizando a ideia de quintal como “fundos” e de casas como “fachadas” das ruas, como comumente vê-se em Riacho Doce, mesmo no caso das moradias portadoras de grandes áreas livres.

A disposição do lote em relação ao entorno também direcionou a distribuição das casas de maneira a propiciar que, pelo menos um de seus ambientes, seja voltado para o mar e, mesmo mantendo certa proximidade entre elas, as casas dispõem de total privacidade, por serem distribuídas intercaladamente tangenciando os limites laterais do terreno ou a certa distância umas das outras.

Ainda que não seja um norteador explicitado por Pedro, percebe-se que a opção por considerar expressões do sítio no processo de sua ocupação arquitetônica garantiu a construção de ambientes confortáveis em termos térmicos. Os cômodos de maior permanência estão voltados para o nascente. Os vãos da maioria das janelas estão dispostos nas faces Nordeste e Sudeste, de onde provêm os ventos predominantes na cidade de Maceió, favorecendo a ventilação cruzada. Como consequência, banheiros e área de serviço estão dispostos na face Oeste - áreas de baixa permanência e que convencionalmente servem de barreiras contra a incidência do sol poente nos demais cômodos, ao mesmo tempo em que esses ambientes usufruem do calor gerado para controle da umidade.

O desenho do sítio interferiu também no incremento do programa arquitetônico básico quando, em dois dos casos observados, o espaço entre o piso em plano horizontal e o alinhamento do desnível do terreno foi arranjado para funcionar como garagem (Figura 16).

---

através de nossos sentidos (vista, ouvido, tato, olfato, paladar). Tal condição não inferioriza essa arquitetura, pois o conhecimento empírico não é necessariamente inferior ao teórico.” (SILVA, 1994, p.129)

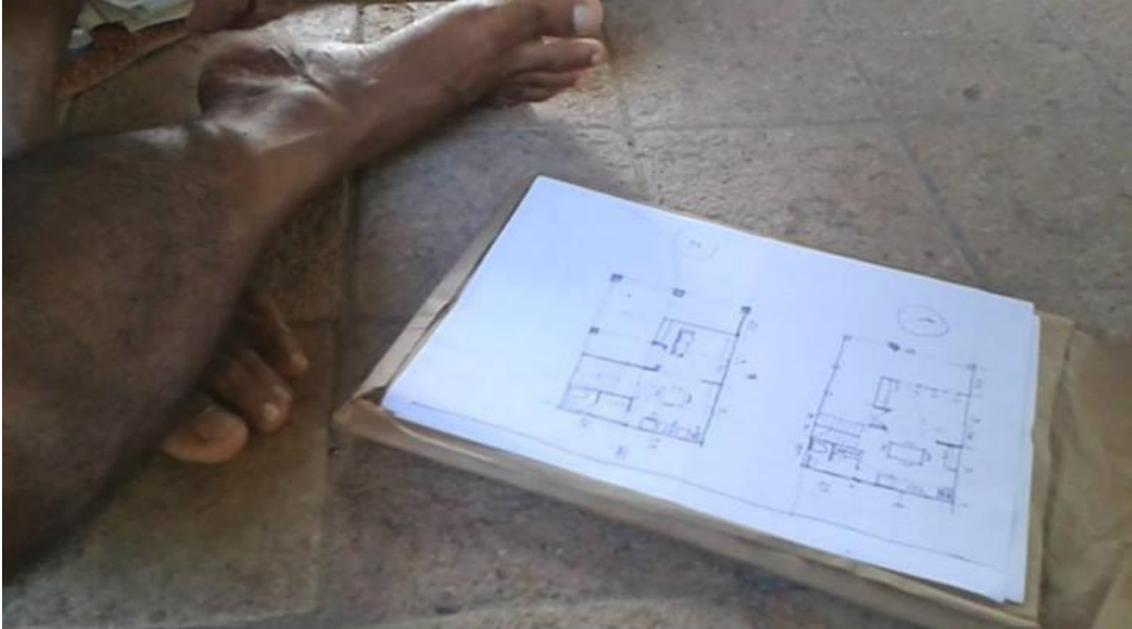
Figura 16: Exemplo de aproveitamento do desnível do terreno como solução projetual, integrando uma garagem ao programa arquitetônico.



Fonte: Acervo PET Arquitetura, maio de 2013.

Nota-se, assim, certo grau de imprevisibilidade em seu processo de projeção que não advém apenas da necessidade de adaptação do arranjo espacial ao terreno e aos materiais disponíveis, mas também, do despreendimento das linguagens técnicas convencionais do projeto. O projetista dispensa o desenho técnico em papel. Concretiza seu ofício essencialmente através de ideias. Renuncia cortes e fachadas, e contenta-se com o registro da proposição em um esboço de uma planta-baixa (Figura 17) que, como um palimpsesto, integra no mesmo desenho todos os pavimentos, inclusive o nível da coberta. Segue, pois, o princípio da síntese desde o início, lançando mão de uma suficiência expressivamente ditada pelos arquitetos modernos que criaram a linguagem do croqui e dos aforismas. Entretanto, ao mesmo tempo, as formas físicas resultantes de tal processo documentam uma série de contradições próprias da produção do espaço arquitetônico, pois, no caso das casas de Pedro, o projetista visivelmente seleciona tanto quanto cria. (VENTURI, 2004).

Figura 17: Pedro Neto e um de seus croquis, registrando duas proposições de arranjo espacial para uma mesma casa.



Fonte: Acervo PET Arquitetura, maio 2013.

## O CLASSICISMO NA ARQUITETURA

A observação das casas de Pedro, Técnico em Edificações e construtor, sugere a revisão de várias ideias sedimentadas acerca da produção arquitetural. Dentre elas, a própria formação acadêmica do arquiteto enquadrado por um determinado molde de pensamento muitas vezes distanciado da prática do ofício e das realidades culturais, mais ou menos explícitas na atitude do projetista. (LAWSON, 2011)

Outra questão advém do próprio processo projetual, tema que vem sendo foco de discussões constantes no contexto em que se insere a contemporaneidade. Na verdade, a historiografia da arquitetura revela que discussões acerca de processos de projeção e produção do espaço arquitetônico, em sua escala macro e micro, têm se configurado um, senão o maior, desafio a se enfrentar quando nos colocamos diante do papel em branco.

Várias são as teorias elaboradas para explicar sua diversidade, muitas vezes, ultrapassando a esfera da compreensão para enrijecerem-se em regras normativas, assim como foi feito no contexto da produção da arquitetura moderna a qual continua uma tendência de larga memória à crença ao

ordenamento ideal própria do pensamento clássico ocidental. (SILVA, 1991, p.37) Atitude que reedita posturas oriundas dos primórdios do Renascimento e se estende à escala urbana, a exemplo do primeiro núcleo de Lisboa, Portugal, que experimenta sua primeira normatização ainda no século XIII elegendo os palmos como norteadores de dimensionamento das novas construções. A base de tais regras estava, pois, fundamentalmente no número. (CARITA, 1999)

Essa referência inclusive regeu a espacialização de estruturas edificadas tradicionais como as de um convento, cujos recintos resultam de arranjos modulares<sup>9</sup> e que séculos depois, serviram de referência para propostas modernas que buscavam, sobretudo, estruturas sustentáveis de funcionamento – máquinas de morar. (VIATTE, 1987)

Remetendo-se às mentalidades mais remotas em termos de classicismo espacial, pode-se reconhecer nas casas observadas princípios clássicos do Tratado de Vitruvius, cujo arranjo espacial parece seguir um sistema de simetria e proporções entre as partes e o todo:

A ordenação consiste na aplicação proporcional dos constituintes das obras, seja no todo, seja nas partes, exprimindo-se dinamicamente a partir da definição de módulo. A disposição contemplava o modo como se apresentavam as obras nos gráficos do arquiteto: planta (*ichnographia*), alçado (*orthographia*) e representação em perspectiva (*scaenographia*). A euritmia dizia respeito à correspondência equilibrada entre a altura, a largura e o comprimento, ou seja, às diferentes dimensões de um edifício. A comensurabilidade, palavra traduz hoje a *vitruvianasympmetria*, visava à perfeita correlação entre o todo e as partes, e vice e versa. A conveniência ou decoro tinha a ver tanto com a arquitetura como com os ornatos, definindo comportamentos que deveria ter em conta a adequação ou a conformação com normas cultural e artisticamente já convencionadas. Finalmente, a distribuição, que (...) tinha sobre tudo a ver com a economia e a disponibilidade dos materiais, bem como os orçamentos possíveis. (VITRUVIO, 2007. p.44)

Essa referência modelar do espaço edificado é tão intensa no contexto do classicismo, especialmente do Renascimento, que participava inclusive da produção artística (Figura 18). Elementos tectônicos da arquitetura, de estruturas de vedação até de paginação de piso, integravam constantemente a composição de telas. Auxiliavam a conquista do desafio em representar a

---

<sup>9</sup>Segundo o arquiteto português Virgolino Jorge, a composição das abadias medievais carrega uma estrutura geométrica que abordam desde o arranjo espacial em termos de planta baixa até a composição do desenho e proporção da fachada. (JORGE, V. 1999, p.8)

profundidade em superfícies bidimensionais, como também, sutilmente, a definição de uma espécie de código mais acessível àquela sociedade movida por uma cultura mercantil, na medida em que planos, segmentos e sequências, próprias do arranjo da perspectiva, enquadram-se na linguagem numérica<sup>10</sup>.

Figura 18: Pintura intitulada *Cena da Odisséia*, de Bernardino Pinturicchio, 1509, em que se registra o uso de elementos da construção civil, como estrutura de madeira e paginação do piso, arranjados de maneira a insinuar sequências espaciais.



Fonte: BAXANDALL, 1988, p.87.

Sob um olhar academicista, essa forma de pensar a projeção de espaços, a qual traduz uma relação intrínseca entre duas áreas de conhecimento – arquitetura e matemática – comumente é reconhecida pressupondo bases eruditas. (SILVA, 1991) Entretanto, o que se pode notar através da compreensão das casas de Pedro é que linguagens clássicas são contempladas e secularmente repetidas, no caso de cotidianos simples, no processo de produção da arquitetura por razões pragmáticas: sua

<sup>10</sup> Segundo Michael Baxandall, no contexto do Renascimento, “para casi todas las personas de clase media, las habilidades matemáticas de la escuela secundaria eran la culminación de su formación y equipamiento intelectual. Han quedado muchos de sus textos e manuales, y se puede ver claramente de qué tipo era esa matemática: era una matemática comercial, adaptada a las necesidades de los comerciantes, y sus dos principales competencias están profundamente vinculadas a la pintura del siglo XV”. (BAXANDALL, 1988, p.113)

correspondência com as mais convencionais noções de mundo e, por extensão, pelo caráter convincente da suficiência. Aspectos que fizeram Lúcio Costa aproximar aparentes oposições – modernidade e tradição, erudito e vernáculo, colonial e contemporâneo – recuperando velhos ambientes, materiais e formas de viver em suas discussões e proposições.

Contudo, o que talvez esteja por trás desse modelo de projeção seja o deslumbramento pelas formas físicas resultantes, ou seja, pelas configurações de uma feição que expressa a apropriação daquilo que se constrói, permitindo reconhecer-se. Assim, evocando a sensação de extensão de si mesmo, as casas de Pedro são a materialização do íntimo envolvimento com aquilo que vem sendo foco de intensas discussões acerca da atuação do arquiteto: o processo.

**REFERÊNCIAS:**

BARLÉUS, Gaspar. História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil, 1647. CD Rom. Rio de Janeiro: Instituto Biblioteca Nacional, s/d.

BARKI, José. O Aprendizado do Fazer. In: Leituras em Teoria da Arquitetura. Vol. I – Coleção PROARQ / Beatriz Santos de Oliveira (et al). Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2009. pp 114-127.

BAXANDALL, Michael. Pintura y vida cotidiana em el Renacimiento. Arte y experiencia em el quattocento. Barcelona, Gustavo Gili, 1988.

CARITA, Helder. Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1521). Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

CHING, Francis D. K. Arquitetura, forma, espaço e ordem. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COSTA, Lúcio. Lúcio Costa: Registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

GRAEFF, E. A. Uma sistemática para o estudo da teoria da arquitetura. Goiânia: Trilhas urbanas, 2006.

JORGE, Virgolino Ferreira. Espaço e Eúritmia na Abadia Medieval de Alcobaça. In: Boletim Cultural da Assembléia Distrital de Lisboa. Série IV, n.93. Lisboa, 1999.

LAWSON, Bryan. Como os arquitetos e designers pensam. São Paulo, Oficina de Textos, 2011.

PULS, M. M. Arquitetura e Filosofia. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2006.

SILVA, Elvan. A forma e a fórmula. Cultura, ideologia e projeto da arquitetura da Renascença. Porto Alegre: Sagra, 1991.

\_\_\_\_\_. Matéria, idéia e forma: uma definição de arquitetura. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1994.

VENTURI, R. Complexidade e contradição em arquitetura. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIATTE, Germain. Exposition Catalogue Le Corbusier et La Méditerranée. Marseille: Centre de La Vieille Charité, 1987.

VITRÚVIO. Tratado de arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 2007.